



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CHIQUEIRI, Ana Maria Crepaldi. História de vida: pais simbólico e real e mães simbólica e real na relação do casal – relato de experiência. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

HISTÓRIA DE VIDA: PAIS SIMBÓLICO E REAL E MÃES SIMBÓLICA E REAL NA RELAÇÃO DO CASAL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Maria Crepaldi Chiquieri

RESUMO

Trata-se do relato de experiência que compõe a monografia do final do curso de especialização na abordagem da “Análise Psico-orgânica”. A autora relata sua história de vida, objetivando analisá-la e interpretá-la, com a ajuda da teoria de pais simbólico e real e mães simbólica e real na relação do casal. Foi analisada e descrita parte dessa relação do casal, tentando compreender e desatar alguns nós, relacionando ligeiramente com os cinco passos para o real e a problemática do casal (concepção, encarnação, movimento, passagem, união-reunião), quanto às cinco fases da relação amorosa (é como um sonho, decepção e provocação, retraimento sobre si, reconhecer e aceitar, crescimento e diálogo real), com base no texto de Anne Veillet, 1995, p.59-66. Através desse relato, a autora confessa ter podido verificar a riqueza da escrita, com *insights* que, mesmo depois de seis anos e meio de terapia na abordagem da Análise psico-orgânica (APO) e das vivências durante três anos e meio, como aluna da especialização da APO, ainda não tinha conseguido viver, sentir e vivenciar com tal intensidade e “amorosidade”, como foi essa experiência com a escrita. O homem, com seus mistérios infinitos, a impulsionam cada vez mais a intensificar suas buscas, como eterna pesquisadora de si mesma e de toda a humanidade.

Palavras-chave: Autoconhecimento. Autotransformação. História de vida. Imaginário. Real.

A Análise psico-orgânica é uma abordagem criada por Paul Boyesen, a partir da Psicologia Biodinâmica, fundada por Gerda Boyesen, sua mãe. Essa teoria/prática, neo-reichiana, do trabalho biodinâmico se desenvolve na abordagem da psique através do trabalho orgânico. Esse trabalho, através das massagens apropriadas, favorece um relaxamento profundo e intensifica a fase parassimpática do ciclo energético. Gerda cria o conceito de psicoperistaltismo, que se refere à digestão e dissolução do acúmulo de resíduos de estresse do organismo, facilitando uma nova circulação. Paul Boyesen amplia essa teoria do trabalho corporal ao analítico. A Análise Psico-orgânica religa a experiência corporal, a produção de imagens e as ligações entre o verbo, o “verbar”, como ele diz. O sujeito articula e encontra os seus sentidos, que se conecta com o simbólico, as sensações e os sentimentos, percebendo os bloqueios, e dando



passagem às energias estagnadas, restabelecendo uma melhor circulação energética. Assim, nessas memórias analisadas pela autora, o termo simbólico se refere à imagem simbólica, como Paul Boyesen menciona, segundo BRAULT.

Ele utiliza a palavra simbólica somente na expressão “*imagem simbólica*”. A imagem simbólica é aquela do início, antes de qualquer encarnação, tal como o código genético do carvalho inscrito na glândula. A imagem simbólica é, então, também a finalidade, aquilo para onde tendem nossos projetos, o que nós procuramos encarnar. (BRAULT, 1994, p. 137)

O termo real é o que eu vivo, eu vejo, é o encontro com o outro nas relações e o que a gente cria nessa relação. O termo imaginário é o retorno do simbólico vindo do real. É o que eu crio para poder viver. O termo simbólico surge no mundo intrapsíquico e responde a todas as necessidades fundamentais. O simbólico é de cada ser, não adianta buscar no outro. Entre a minha imagem (simbólico) e o real, eu me ajusto ao real. Assim, Paul Boyesen analisa e complementa, sugerindo que o útero é uma mãe simbólica, no nascimento a mãe vira uma pessoa, e quando o bebê balbucia, a..a..a..a.. , é pedindo uma mãe simbólica, a do útero, que é o que ‘ele’ conhece. O que ‘ele’ imagina que seja o útero é o imaginário dele, e o real é o que ele vê.

A imagem simbólica é a imagem dos pais idealizados, é uma imagem compensatória das falhas dos nossos pais. Trazer o mundo simbólico ao orgânico tem o objetivo de organizar, viver, conviver e acolher o real para viver melhor.

Nesse trabalho, a autora trouxe a imagem dos pais e mães simbólicos e reais na relação do casal, para analisar e avaliar o relacionamento com possibilidades de refazer os antigos contratos, para melhor viver. A pessoa carrega e traz a sua história no seu encontro com o outro.

O que ficou do pai e mãe reais e simbólicos na relação? Qual foi um dos primeiros entraves nesse relacionamento? O pai real, muito ausente; na relação, o esposo amável, amigo e carinhoso pode suprir esse vazio existencial da criança em cada um, e o pai imaginário pode encarnar-se na figura do esposo. A mãe real controladora, protetora, dominadora e provedora encarnou logo nas primeiras semanas na autora, deixando o esposo desgovernado a



ponto de ameaçar devolvê-la para seus pais. Essa situação, naquele momento, pôde ser relevada, pois era uma situação conhecida pelo esposo, fazia parte do contrato familiar do mesmo. Sua mãe real, como quase todas as mães, era assim, se acomodou na relação.

O que é que você repete? A gente repete, repete, mas precisamos aprender alguma coisa, é na repetição para transformar. E geralmente é porque tem fixações em imagens idealizadas, às vezes, modelo idealizado, relação com figuras ou do pai ou da mãe. Ficando congelado nessas idealizações e aprisionado. (Seminário O casal – Silvana Sacharny – Fita 1, lado B – 13/6/2003, transcrição Ana Chiqueiri)

Nessas memórias, nessa minha concepção, como diz o texto, classificado como concepção, desde o nascimento até a fase adulta, trouxe a imagem dos pais e mães simbólicos e reais na imagem do casal. Essa concepção, eu trouxe para a relação amorosa, o sonho, como eu gostaria que esse amor fosse, como esse homem amoroso fosse, e fiquei nessa imagem – nesse sonho. Quando encarnei a relação, houve o casamento. Iniciou-se um relacionamento de verdade, no cotidiano, objetivamente falando, fundiu-se subjetivamente com o sonho – o imaginário.

Cada parceiro fez seus contratos pessoais, suas verdades, que deverão ser cortadas pela entrada de novos conceitos que se formarão através desse novo contrato relacional do casal ou não. (VEILLET, 1995, p. 59)

No meu relato, encarnei meu contrato familiar e fiquei nele um período longo, sem ter consciência do que se passava. Fundi-me também no outro, incorporei a identidade do marido.

Nesse movimento e nesse recolhimento para me estudar, foi um grande passo para o autoconhecimento, foi primoroso o início do meu renascimento, foi e sempre será uma longa passagem, onde meu ser se identificou e pôde entrar em contato com a minha essência primordial.

Essa passagem foi longa e de muito estudo, encontrei a abordagem da análise psico-orgânica, completando a busca científica e espiritual e me completando, me unificando, me dando força para compreender que o homem é o pesquisador solitário e solidário de si mesmo nessa escala evolutiva infinita. Nesse recolhimento e aceitação, construindo essa passagem, chego hoje à relação de casal, ao crescimento e diálogo real.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

4

CHIQUIERI, Ana Maria Crepaldi. História de vida: pais simbólico e real e mães simbólica e real na relação do casal – relato de experiência. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Hoje, o diálogo flui no respeito das diferenças individuais, com respeito, na confiança de um outro lugar, com amor libertador, pois quando aprendo a amar, eu me liberto e liberto o outro na relação. E como diz Veillet ,

... as pessoas criam um novo campo, onde uma parte da libido prisioneira se libertou e se religa de outra maneira com o objeto do amor; ao mesmo tempo, uma recriação de um mundo simbólico se opera, cria o diálogo entre o mundo simbólico revisado e o mundo real continua mas de outra maneira. (VEILLET, 1995, p. 59)

Foi muito importante a experiência deste trabalho escrito. A escrita me trouxe um aprendizado de um outro lugar e com um sabor de “quero mais”. Hoje, com mais tempo e mais vivência, estou ampliando a pesquisa do relato de história de vida com meus alunos da UFRRJ e implementado-a em outros cursos.

REFERÊNCIAS

BOYESEN, Paul. **Seminário Rio II: O pai simbólico, o pai real**. Novembro, 2002, p. 20-24.

BRAULT, Yves. L'espace symbolique. In: **Manuel d'enseignement de l'école française d'analyse psycho-organique**. 2ª ed. EFAPO. 1994, Tome 1, p. 123-137.

CHIQUIERI, Ana Maria Crepaldi. **Minhas memórias: Pais simbólico e real e mães simbólica e real na relação do casal**. Monografia de especialização. CEBRAFAP/EFAP, 2004.

SACHARNY, Silvana. **Seminário Rio II: A mãe simbólica, a mãe real**. p. 25-27. Outubro, 2002.

VEILLET, Anne. Les cinq pas vers le réel e la problématique du couple em lien avec les cinq phases de la relation amoureuse. In: **Manuel d'enseignement de l'École Française d'Analyse Psycho-organique**. 1995, Tome 4, p. 59-66.

AUTORA

Ana Maria Crepaldi Chiquieri/RJ - Terapeuta corporal em Análise Psico-orgânica, formada pelo Centro Brasileiro de Formação em Análise Psico-orgânica (CEBRAFAPO) em parceria com a Escola Francesa de Análise Psico-orgânica (EFAPO), Pedagoga, Economista Doméstica, Professora Assistente da UFRRJ/IE/DTPE e Mestre em Educação Ambiental.

E-mail: anachiq@terra.com.br